

Xilogravura na vez

Anna Kelma Gallas*

CARVALHO, Gilmar de. *Desenho gráfico popular*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Brasileiras, 2000 (Coleção Artes Visuais).

A transferência de imagens através de um bloco de madeira – considerada a mais antiga técnica de impressão existente, cuja origem remonta a estamperia de tecidos no Oriente Médio –, encontrou um nicho perfeito no sertão brasileiro. Várias obras sobre o modo de vida do nordestino, lançadas no Brasil da década de 40 a 50, se utilizaram da xilogravura. Foi o caso dos clássicos *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Sua presença na vida cotidiana dos brasileiros é bem maior do que se imagina. Quem costumava ler cordéis – aqueles livretos escritos em versos, narrando episódios fantásticos ou histórias reais, e cantados nas feiras livres e mercados em todo o País – deve se lembrar que a maior parte dos trabalhos vinha ilustrada com xilogravuras. As gravuras, extraídas da impressão sobre papel a partir de blocos de madeira gravados em alto-relevo, foi fruto de uma cultura pré-industrial europeia de inspiração oriental, mas instalou-se, a seu modo, no nordeste brasileiro.

Agora, quase desaparecida em seu aspecto popular, a xilogravura tornou-se uma tendência sofisticada *made in Brazil* e disputada no mercado de arte internacional, no qual sobressaem nomes como Mônica Barreto, Sebastião de Paula, Eduardo Eloy e Horácio Soares. Atento a esta tendência, o pesquisador Gilmar de Carvalho resolveu mostrar a tradição cearense nesta arte em seu catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte intitulado *Desenho Gráfico Popular*, recentemente lançado numa das edições dos Cadernos do Instituto de Pesquisas Brasileiras, dentro da coleção Artes Visuais.

O trabalho registra 300 matrizes produzidas por artistas populares do interior do Ceará para a impressão xilográfica, extraídas de folhetos e de 22 álbuns de gravuras provenientes de várias cidades do nordeste. O autor – colecionador destas gravuras e professor da Universidade Federal do Ceará – é considerado uma das maiores autoridades sobre o assunto no País, dono de um dos maiores acervos de matrizes de madeira no Brasil. Para ele, foi no Ceará, onde a imprensa só foi implantada em 1824, que a arte se tornou mais entranhada, devido à deficiência da maquinaria que, em muitos casos, estava em estado de obsolescência.

Por ter se desenvolvido à margem da cultura oficial, a xilogravura pouca atenção mereceu quanto à sua preservação em acervos mas, ao longo do tempo, vinculou-se a um efervescente sistema de comercialização de produtos, servindo tanto à imprensa como para a fabricação de rótulos. Segundo o autor, o emprego mais constante da xilogravura no Ceará remonta aos anos 40, no incremento da edição popular no Cariri, sul do estado, onde vai encontrar em artistas artesãos como Antonio Lino, Stênio Diniz, José Caboclo e Arlindo Marques as suas maiores expressões:

“Curioso registrar que este trabalho nas pequenas oficinas próximas do método medieval das corporações de ofícios conviveu com as novas tecnologias na maioria das gráficas de Juazeiro do Norte. É que, mesmo quando apenas reproduz um logotipo criado por um especialista em artes visuais, o artista popular dá o seu toque pessoal, deixa a sua marca, por obra do acaso ou da impressão do corte.”

A obra registra ainda os trabalhos produzidos recentemente pelas mãos de Francisco Zênio, Fracorli e José Lourenço, que passaram a dar forma às solicitações de fabricantes, comerciantes e prestadores de serviço na região:

“As matrizes resgatadas dos velhos baús das gráficas de Juazeiro do Norte mostram como os artistas encontraram soluções para a ocupação equilibrada de espaço, com criatividade, e como as letras são cortadas com destreza”.

Para Gilmar de Carvalho, a xilogravura – base de um *design* popular e sertanejo – precisa ser estudada detidamente, motivo pelo qual o catálogo constitui uma fonte preciosa de pesquisa.

* Jornalista e editora do Caderno Galeria, do jornal *Diário do Povo*, Teresina – PI.